

# O NORTE

# do DISTRITO



## QUINZENÁRIO (de) FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**Avença**  
Proprietário *Dr. Ernesto Lacerda*

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria  
Director: *Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado*

25 de Junho de 1970  
Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO XVIII — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OPICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — TELEFONE 42307 — N.º 420

## A AMIZADE

Por Folgado da Silveira

Talvez que a incerteza que hoje lavra não fosse tão perniciososa se os homens estabelecessem entre si outros laços de amizade.

A vida moderna, caracterizada pela agitação e pela rapidez, não deixa tempo aos homens para se relacionarem e se darem verdadeiramente a conhecer. Há, por tanto, uma insuficiência de contactos, todos afadigados em chegar rapidamente ao fim de suas acções e de seus propósitos. E, no entanto, o coração humano tem necessidade da amizade, da compreensão, dessa certeza de que alguém estará a seu lado nas horas amargas de infortúnio.

A amizade, como o amor, é um laço que une dois seres; é esse carácter de dualidade que lhe comunica a força.

Roma divinizou a Amizade, representando-a por uma jovem de túnica branca, cercada de mirtos, tendo na mão dois corações entrelaçados. Junto ao coração lia-se: de longe e de perto. Sem dúvida que o amigo não conhece distâncias para correr em socorro de outro.

Hoje, dadas as convulsões de toda a ordem que agitam a sociedade a simbologia da Amizade foi, de algum modo, adulterada e modificada nos conceitos.

A amizade é espiritualismo. Nos tempos modernos, porém, a luta entre o espírito e a matéria tem originado que se percam a verdade e a pureza desse sentimento.

E nada há depois do amor, mais valioso do que a Amizade, de longe superior ao dinheiro.

O bom amigo auxilia-nos em todas as circunstâncias da vida, aconselha-nos, ajuda-nos defende-nos, põe-se ao nosso

lado quando sofremos e dá-nos toda a sua valiosa cooperação, alegrando-se com as nossas alegrias, entristecendo-se com as nossas tristezas. Compreendendo as nossas fraquezas, nunca nos serra o coração nem nunca nos falta com a sua presença, com a sua palavra e, até, com o seu dinheiro.

Para criarmos amigos devemos ser humildes e benevolentes, trabalhadores e honestos, leais e dedicados.

Na prosperidade os verdadeiros amigos esperam que os chamemos; na adversidade aparecem logo sem que sejam rogados.

Mas onde estão esses amigos? Os outros, que de amigos só têm o nome, buscam-nos e enchem-nos de louvores em presença do nosso triunfo para nos desprezarem e não nos conhecerem na adversidade. A Amizade, que dizem nutrir por nós, anda-lhes apenas á flor dos lábios e desaparece á primeira lufada de infortúnio que nos sacuda ou atinja.

Desses está o Mundo cheio Mas, felizmente, enquanto existir o homem, existirá a verdadeira amizade, singuela e escondida sem necessitar de alardes

Se os homens se amassem mais e se dessem melhor a conhecer nos seus sentimentos também as relações entre os povos não seriam o que hoje são.

A Amizade perdura para além dos interesses. E são justamente os interesses que matam a amizade e envenenam os corações dos homens. Uma coisa tão simples a Amizade. E justamente porque é simples e bela, os homens, de complicados, não a veem, não a sentem nem a compreendem.

## ETERNA SAUDADE

### AO POVO DO MEU CONCELHO

(Em quem concentro todos os humildes do Mundo)

*Dentro do teu casto seio  
De tantas virtudes cheio,  
Meu livro venho depor;  
Hóstia Santa — Relicário  
O dilecto Breviário  
Do Altar do meu amor.*

*Não contém uma palavra  
Que meu peito te não abra  
Ou não Possas atingir;  
Grito d'alma — Oração  
Anseios do Coração  
Espelho do meu sentir*

*Ai se lograr a ventura  
D'adoçar a curvatura  
Que gera a «Desigualdade»,  
O Mundo cheio de encantos  
Será um Eden de Santos  
Em pura Fraternidade.*

*Basta p'ra tanto somente  
Conformar-se toda a gente  
Com o mister em que actua;  
Dar ao labor mor apreço  
Doce estima justo preço  
Como Jesus preceitua.*

*Até então, no teu peito,  
O meu livro continua.*



Completaram-se no dia 18 do mês corrente 17 anos que o Concelho de Figueiró dos Vinhos vestiu crepes pela perda de um dos seus mais venerandos e ilustres filhos, o Comendador Joaquim de Araújo Lacerda Junior.

O tempo passa e a saudade fica. Dificilmente seria possível apagar-se da memória do figueiroense, como nós, célula dessa massa anónima que se chama Povo, a figura de Homem Bom, Benemérito por intuição; prudente e avisado conselheiro, genial político e patriota incontestado.

A História Política, Administrativa e Assistencial do nosso concelho durante a primeira metade do actual século, não é possível ser descrita sem a presença efectiva e constante desse homem extraordinário em que havia serenidade no pensamento e dinamismo na acção, austeridade no cumprimento do dever e simplicidade perante o seu semelhante.

Actuante construtivo quando na oposição, foi sempre tolerante quando nos comandos da administração pública, perante os adversários políticos, que não raras vezes lhe prestaram publicamente essa justiça.

Ao dedicarmos estas simples mas sentidas palavras á memória do cidadão ilustre que foi Joaquim de Araújo Lacerda Junior, não encontramos melhor maneira de completar a nossa póstuma e modesta homenagem, que não seja a de publicar acima alguns versos da sua autoria, extraídos do livro «Por Ele!», que, com dedicatória sua, guardamos religiosamente.

### ÚLTIMA NOTÍCIA

Está assegurada a presença em Figueiró dos Vinhos dum conhecida vedeta do fado e grande artista do teatro ligeiro, integrada num dos espectáculos das festas a favor dos Bombeiros.

A PÁGINA 3

Visto pela Comissão de Censura

## AS FESTAS DA FEIRA

Vem aí a Feira de S. Pantaleão, e com ela as tradicionais Festas, que se prevê, para já, que mais uma vez serão brilhantes.

Esse seu brilho que já vem de longe, tem sido produto de uma colaboração salutar que existe entre os figueiroenses, quando se trata de promover obras de Bem-Fazer, predicado que nunca faltou a esta iniciativa.

Apesar de ser do conhecimento de todos nós, nunca é demais salientar o esforço e o valor da

### o seu a seu dono

colaboração que as Senhoras de Figueiró vêm prestando às festas, há mais de 30 anos a esta parte, com uma assiduidade e uma anual revelação de novos valores, que são dignas de registo.

Não podemos nem devemos ignorar, que tratando-se de festas ao ar livre, portanto de características populares, elas tem atingido na nossa vila, um nível desusado.

E' aqui que nós desejamos vincar, que é, em grande parte devido á presença Senhoril das Damas de Figueiró nas festas do Parque que esse invulgar nível a que nos referimos, tem sido atingido.

Por outro lado esse ambiente festivo que se tem dado á secular feira, e que muito a tem valorizado, proporcionou-lhe motivo de referência em certas pu-

A REDACÇÃO

# Sim senhor! Quem havia de dizer!

DA PÁGINA 3

aquele, sorrindo.

— Assim o espero, meu bom amigo, para bem deles e não meu!

Ao acabar de proferir estas palavras, o tio Ambrósio levantou-se e, com ar prazenteiro, disse para o Marques:

— Agora vamos tomar um cafèzinho, mas olha que hoje sou eu que ofereço!

— Já que assim quer... — respondeu-lhe

Mal tinham acabado de sorver o último golo, ouviu-se o estalejar de foguetes. Era sinal de que os convidados estavam a chegar. O Marques ainda insistiu para que o tio Ambrósio ficasse, mas este deu-lhe um aperto da mão, escapuliu-se para a rua e desapareceu no meio no meio da multidão.

S. P.

Do Mensário das Casas do Povo

**MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES**  
MÉDICA

**Doenças da boca e dentes**

Consultas às 2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 6.<sup>as</sup> e sábados das 9 às 12 horas e 5.<sup>as</sup> e sábados das 15 às 17 horas.

Telefone 424

FIGUEIRO DOS VINHOS

*Manuel Alves da Piedade*  
Médico

CLINICA GERAL

Telefone 42498

FIGUEIRO DOS VINHOS

## MILHARES DE PONTOS DIFERENTES

E POSSIBILIDADES DE PONTO À JOUR

são as características da nova  
**Máquina Super Automática**

# OLIVA

INTEIRAMENTE EM AÇO

(Não confundir com máquinas de Plástico ou de ligas de alumínio)

extremamente leve, robusta e funcional

## A Ourivesaria Lourenço em Figueiró dos Vinhos

dá o apoio técnico, gratuito, neste Concelho, tal como vem fazendo há 40 anos EM TODAS AS MÁQUINAS DE COSTURA VENDIDAS NESTA CASA e que representa uma vantagem ímpar

Toda a gama de Aparelhos Electro Domésticos e ainda a afamada Máquina de TRICOTAR BUSCH, com 420 agulhas e também inteiramente de aço  
*Aprendizagem ao domicílio*

EM EXPOSIÇÃO NA

## Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

Figueiró dos Vinhos

### Notariado Português

**Cartório Notarial do Concelho de Sertã**

A cargo do Licenciado em Direito

Vitor Manuel Patricio Soares de Bastos

CERTIFICO que, por escritura de 18 de Maio corrente, lavrada de fls. 48, v.º a 50, v.º, do livro de notas para escrituras diversas n.º A-067, do Cartório Notarial de Sertã, a cargo do Licenciado em Direito, Vitor Manuel Patricio Soares de Bastos—JOÃO DA SILVA VENANCIO e mulher DA'LIA DE JESUS; residentes habitualmente na Vila e freguesia de Pedrógão Pequeno, do concelho de Sertã, cederam a CESÁRIO MARTINS E MULHER MARIA DA CONCEIÇÃO ROLDÃO DAVID NEVES MARTINS, com residência habitual na vila e concelho de Pedrógão Grande, as quotas de 45000\$00 e 5000\$00, que respectivamente, possuíam no capital da sociedade comercial por cotas «AUTO ALUGUER JODALIA, LIMITADA», com sede na vila e freguesia de Pedrógão Pequeno, do concelho de Sertã, renunciando à gerência.

Que, pela mesma escritura, foram alterados os artigos 1.º e 3.º e seu § único, 4.º e seu § único, do respectivo pacto, que passaram a ter a redacção seguinte:

PRIMEIRO—A sociedade girará sob a denominação «AUTO ALUGUER JODALIA, LIMITADA», vai ter sua sede na vila e freguesia de Pedrógão Grande e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição.

O capital social é de 50 000\$, está integralmente realizado e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma de 45 000\$00 pertencente ao sócio Cesário Martins está realizada pela transferência para a sociedade do veículo automóvel IG-80-27, de marca Citroen, com a respectiva licença de aluguer; e a quota do sócio Maria da Conceição Roldão David Neves Martins, está realizada em dinheiro que já deu entrada na Caixa Social;

QUARTO—Ambos os sócios são gerentes com dispensa de caução;

§ Único—Para obrigar a sociedade nos seus actos e contratos é necessário e basta a assinatura do sócio Cesário Martins, que fica com os mais amplos poderes para comprar, vender e hipotecar qualquer veículo automóvel que à sociedade se destine ou pertença.

É certidão narrativa que fiz extrair e vai conforme.

Cartório Notarial de Sertã, 21 de Maio de 1970.

O Ajudante do Cartório, Notarial  
*José Augusto Faria*

### COMARCA

de Figueiró dos Vinhos

## Anúncio

1.ª Publicação

No dia 23 do próximo mês de Julho, pelos 10 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução Hipotecária que a exequente Companhia Nacional de Resinas, S. A. R. L., de Lisboa, move contra os executados António Tomaz Junior e mulher Maria Rosa Bernardo Tomaz, proprietários, do lugar da Louriceira, desta comarca, hão de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes:

PRE'DIOS

1.º

Prédio rústico a mato e carvalhos, no sitio do Barreiro, limites do lugar da Louriceira, freguesia, de Pedrógão Grande, descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob os n.º 33964, inscrito na matriz sob os art.ºs 15 349 e 15 350. Vai à praça pelo valor de 620\$00

2.º

Prédio rústico de sementeira e mato, no sitio da Fonte do Gaião, limite e freguesia ditos, descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 33 965 e inscrito na matriz sob o art.º 17 953. Vai à praça pelo valor de 1560\$00.

3.º

A nua propriedade de metade e propriedade plena de outra metade de uma casa de habitação e quintal anexo, no sitio da Sela-da, limite e freguesia ditos, descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 33 966 e inscrita na matriz sob os art.ºs 1693, urbano, e 14 679—1/2, rústico. Vai à praça pelo valor de 7680\$00.

Sobre metade deste prédio recae um usufruto inscrito a favor de Maria Preciosa, viúva de Joaquim Bernardo, residente no lugar da Louriceira, freguesia de

### AVISO

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria

Alargamento do Esquema de Benefícios:

Pensão de Sobrevivência

Engenheiros  
Engenheiros Auxiliares  
Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores

Por despachos de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência de 13 de Maio de 1970 foi alargado o âmbito das pensões de sobrevivência aos Engenheiros, Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores que prestem serviço em actividades industriais, pelo que passarão a contribuir para esta Caixa na percentagem de 23,5% sobre os ordenados e salários auferidos, competindo à entidade patronal 17% e 6,5% aos trabalhadores.

O referido despacho produz efeitos a partir de 1 de Junho de 1970, pelo que o 1.º pagamento a efectuar nesta base deverá efectuar-se de 10 a 20 de Julho do ano em curso.

A DIRECÇÃO

**Camisas Trevira**

**SOTO RIO**

33.º Algodão—67.º Trevira  
**E' moda... é Trevira**  
Um exclusivo da Casa Silva

de

**António da Silva**  
Figueiró dos Vinhos

Pedrógão Grande, desta comarca.

Figueiró dos Vinhos, 20 de Junho de 1970.

O Escrivão de Direito

*António Alves Alegre*

Verifiquei:

O Juiz do Direito,

*Mário Fernandes*

*da Silva Cancela*

Jornal «O Norte do Distrito» número 420 de 25 Junho de 1970.

## Transporte de Mercadorias

Furgoneta de Aluguer

DE

*José Telhada Assunção*

FIGUEIRO DOS VINHOS

— MUDANÇAS —

TRANSPORTE AO QUILÓMETRO

SERVIÇO PERMANENTE

NA PRAÇA OU TELEFONE 42453

*Manuel Henriques Coelho*

Depósitos para vinho e sulfato, garrafeiras, Grelhagens para construção civil, postes para vinhas, etc., etc.

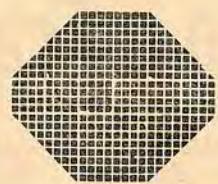
Telef. 18 (Lameira Cimeira)

**Pinheiro do Bolim**

Pedrógão Grande

Fábrica  
de artigos  
de cimento

# Crónica Rural



## Sim senhor!

### Quem havia de dizer!

No dia combinado, logo a seguir ao almoço, o tio Ambrósio mete os pés ao caminho para o encontro aprazado com o Joaquim Marques.

Ao chegar próximo da Casa do Povo, como notasse um movimento desusado, dirigiu-se a um grupo de indivíduos que permaneciam conversando na bermá da estrada e inquiriu do que se tratava. Informado de que toda aquela gente ali se encontrava com o fim de assistir à sessão que ia realizar-se para distribuição de diplomas às alunas que tinham concluído o Curso de Formação Familiar Rural, ficou desclado. Admitiu que em tais circunstâncias a entrevista com o Marques ficara gorada e dispunha-se a voltar para casa. Porém, um dos do grupo, que o conhecia, apercebendo-se dessa intenção, pronto o esclareceu de que a festa só começava mais tarde e de que o Joaquim Marques se encontrava dentro do edifício.

Ciente destes dois factos, o tio Ambrósio readquiriu nova esperança e sem mais demora entrou na Casa do Povo. Deitou uma olhadela para a Biblioteca, outra para a Secretaria, mas foi na Sala de Convívio, agora transformada em Salão de Festas, que descobriu o Marques a alinhar as cadeiras destinadas à assistência. Como na posição em que aquele se encontrava o não visse, caminhou pela coxia lateral que lhe ficava mais próxima e quando chegou junto dele, ainda antes de o cumprimentar, perguntou-lhe:

—Olha lá, ó Marques, o dia de hoje foi mal escolhido para a nossa conversa, não foi?

—Mal escolhido, porquê? Só daqui a uma hora chegam as entidades convidadas, e, até lá, estou livre para o atender!

—Sendo assim, não perdi os meus passos!

—Não perdeu, não senhor! Até calha bem, porque vai assistir à nossa festa. Vem o senhor Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, a senhora Assistente-Geral, o senhor Prior, o senhor Presidente da Junta de Freguesia, o senhor Conde—que é o maior proprietário cá da terra—e muitas outras pessoas!

—Ó Marques, desculpa, mas bem sabes que eu sou bicho do mato! Quando vejo muita gente junta...

—Esquiva-se! Mas olhe que faz mal! Tem que se ir habituando, porque quando for criada a Casa do Povo da Amurada vossemecê tem que assistir a muitas destas festas!

Tamém te digo que só a Casa do Povo me fará fugir aos meus hábitos!

Terminada a arrumação das cadeiras, o Marques encaminhou o tio Ambrósio para a Biblioteca e explicou que não iam para o gabinete da Direcção por nele estarem a trabalhar o Secretário e o Tesoureiro. Sentaram-se um de cada lado da mesa de leitura e o diálogo continuou:

—Muito bem! O tio Ambrósio quer então saber como é que a Casa do Povo consegue ter dinheiro suficiente para dar aos sócios os benefícios de que já lhe falei, não é isso?

—Nem mais, nem menos!

—Preste atenção. A Casa do Povo tem três qualidades de sócios: os efectivos, os contribuintes e os protectores.

«Sócios efectivos são os trabalhadores rurais que trabalham por conta dos donos ou dos que cultivam as terras. Pagam, como outro dia lhe disse, uns escudos por mês e têm direito aos tais benefícios.

«Sócios contribuintes são os patrões dos sócios efectivos. Pagam também uma quota mensal, mas o valor dela varia conforme o rendimento das propriedades.

«Sócios protectores são aquelas pessoas que, não tendo qualquer obrigação para com a Casa do Povo, desejam auxiliá-la. Elas próprias indicam a quota que querem pagar.

Há ainda os benefiteiros e os chamados beneficiários do Fundo de Previdência, mas destes é melhor agora não falar para não lhe fazer confusão.

—Ah, assim, sim! Com tanta gente a pagar já se percebe!

—Não se iluda, tio Ambrósio, porque só com o dinheiro das quotas era impossível governar a Casa do Povo! Olhe que o ano passado, em subsídios, gastaram-se para cima de sessenta contos! E com os remédios? Isso foi um louvar a Deus!

—Sim senhor! Quem havia de dizer! Mas, sendo assim, como é que vocês se arranjam?

—O que nos vale são os auxílios que temos

do Estado. Logo de princípio deram-nos vinte contos para as primeiras despesas! Depois, para a construção do prédio, cento e cinquenta contos! E, assim que este ficou pronto, ofereceram-nos quase toda a mobília que aqui vê!

—Não há dúvida que foram ajudas valentes, mas...

—Já sei o que ia dizer! Ainda lhe não disse como é que conseguimos dinheiro suficiente para dar tantos benefícios!

—Acertaste!

—Ora bem, da Federação das Casas do Povo do nosso distrito e da Câmara Municipal do concelho recebemos algumas ajudas! No entanto, se não fossem as importâncias que o Estado nos dá todos os anos, muito pouco poderíamos fazer. Basta dizer-lhe que o dinheiro das quotas dos doze meses mal chegaria para as despesas de três!

—Então o Estado ainda entra com muita massa...

—Se entra! No ano passado foram mais de noventa contos e este ano já anda pelos quarenta e ainda agora a procissão vai na praça!

—Sim senhor! Quem havia de dizer! Ouve lá, ó Marques, e isso é assim com todas as Casas do Povo?

—Eu só sei ao certo que se passa nesta, mas, pelo que tenho ouvido dizer, creio que o Estado ajuda todas!

—E vocês têm que dar contas a alguém do dinheiro que gastam?

—Pois com certeza! Todos os anos mandamo para a Delegação do Instituto Nacional do Trabalho a conta de gerência!

—Homem, fala-me de maneira que eu entenda e guarde lá esse palavreado bonito para os letrados!

A conta de gerência é a modos um rol dos dinheiros que recebemos e dos que gastamos em cada ano! Percebe?

—Tem piada Isso também eu faço!

—Essa é das boas, ó tio Ambrósio! Conte lá, conte lá!

—Como já te disse, de letras não sei nada, mas dos números, até cem sei escrevê-los. e isso me basta!

«Numa ardósia que lá tenho, e que era do meu Luís quando andava na escola, eu aponto os escudos que vou ganhando e conforme os vou gastando, risco-os. Assim, de vez em vez, vejo se o dinheiro que está na arca acerta com os números da ardósia!

Rindo a bom rir, o Marques replicou:

—Agora digo eu como vossemecê: Sim senhor, quem havia de dizer!

—Não te rias, que se eu faço isto é porque ando cá desconfiado dumas coisas...

—E não fosse vossemecê da Amurada...

—Anda lá, meu patife não digas mal dos da Amurada, porque eles valem mais do que os de cá!

—Eu não estou a dizer mal de ninguém! O tio Ambrósio é que outro dia afirmou que os da sua terra são muito desconfiados!

—Cala-te, cala-te, que estás a desconversar! Vamos lá mas é ao que interessa!

—Bem, eu julgo que já lhe disse o principal! Pretende saber mais alguma coisa?

—Quero, sim! Quero saber o que é preciso fazer para haver uma Casa do Povo na Amurada!

—Em primeiro lugar é preciso que haja um grupo de pessoas que se interesse por si e vá explicando ao povo para o que ela serve. Se a ideia for aceite tanto pelos trabalhadores como pelos patrões, então esse grupo de pessoas deve procurar o senhor Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e dar-lhe conhecimento do que se passa. O resto é simples e ele indicará o mais que há a fazer!

—Até hoje, ainda não disse lá palavra a respeito da vossa Casa do Povo, porque só queria falar dela quando tivesse tudo bem sabido. Agora, que já não tenho medo das perguntas que me façam, vou deitar mãos à obra e não queiras saber o estardalhaço que vou fazer!

—Isso, isso! O que é preciso é gente com genica e vocemessê, apesar da sua idade, tem mais do que muitos dos novos!

—Olha que é verdade! Havendo coisas destas tão boas, aqueles moços estão a deixar passar os anos... e nada! São mesmo uns molengas!

—Espavite-os, tio Ambrósio, a verá que a coisa vai por diante!

A Pagina 2

# Notícias Pessoais

Vitor Camoezas

João dos Santos

Depois de ter sido submetido a varias e melindrosas operações encontra-se já entre nós e em franca convalescência o Sr. Vitor Camoezas, nosso prezado assinante e conterrâneo.

Desejamos-lhe completo e breve restabelecimento.

José Maria Dias Curado

Depois de 34 anos de continuação ausência, em S. Paulo, Brasil, onde é considerado comerciante, está entre nós o Sr. José Maria Dias Curado, nosso estimado vizinho da Ribeira de S. Pedro.

Ao Sr. Curado que tenciona demorar-se alguns meses desejamos férias felizes.

Mário da Conceição Medeiros

Encontra-se nesta vila em gozo de merecidas férias o Sr. Mário da Conceição Medeiros empregado comercial em S. Tomé, filho do nosso prezado assinante naquela provincia ultramarina, Sr. João Cunha Marques Medeiros e de sua esposa Senhora D. Magna Medeiros.

Desejamos-lhe feliz estadia.

Marcos do Correio

Figueiró dos Vinhos, centro comercial de lanifícios, é indubitavelmente das terras do Norte do Distrito, de maior movimento de correspondência postal, facto que certamente não deve ser ignorado pelos serviços de estatística dos C. T. P.

O seu aspecto citadino e a sua classificação de Estância de Turismo, aliados ao referido movimento de cartas, dão-lhe, em nosso entender, direito a mais alguns marcos do correio distribuídos por locais da vila onde o movimento e os utentes destes serviços o justifiquem

As Caixas que por aí há, no fundo e no cimo da vila, já não comportam o volume de correspondência. Diremos mesmo, sem receio de desmentido, que há alturas do dia que, em certas caixas, é mais fácil tirar a correspondência que lá está do que atafulhar—passe o popular termo—mais por cima da que lá está a querer libertar-se pelo orifício.

Pelo menos quatro desses efectivos e funcionais marcos, de viam ser colocados na vila em substituição das caixas que serão muito práticas para povoações de poucos fogos.

A Praça do Brasil, o Bairro da Câmara, o Bairro Teófilo Braga e a Cruz de Ferro, seriam os locais indicados para novos receptáculos no género do que se encontra na Praça José Malhoa. Exige-os não só a comodidade do público, mas também a segurança de um serviço que no nosso País é considerado modelar na sua eficiência.

Porque sabemos quanto empenho a Administração dos C. T. P. põe na resolução dos problemas que afectam os usuários dos seus serviços, temos fé em que não virá longe o dia em que os figueiroenses tenham a certeza que ao depositarem a sua correspondência no receptáculo, ela só poderá ser levantada por quem de direito: o funcionário dos Correios.

Leia e divulgue este Jornal

Na vizinha povoação da Lavandeira, encontra-se de visita a seus familiares e acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, o nosso prezado conterrâneo Sr. João dos Santos probo comerciante em S. Paulo, Brasil, que vem procurar na sua terra alguns meses de repouso, partindo em breve para uma estância thermal. Desejamos-lhe recuperadoras férias.

## Festas da Feira

Da Pagina 1

blicações de carácter turístico, integrada nos textos como motivo de atracção.

Há muitos outros motivos pelos quais a presença das Senhoras tem sido valiosa, e um deles que não terá passado despercebido aos que por ali tem dado o seu contributo de ajuda, é o facto de tudo correr dentro do maior civismo, muitas vezes devido ao respeito a que essa presença tem direito.

Mais uma vez os Bombeiros ficarão reconhecidos às Senhoras de Figueiró pela sua ajuda.

Quando a causa é bela também enobrece as almas.

## Aldeia de Ana de Aviz

Com a terraplanagem da entrada do ramal dos Moninhos, iniciou-se a reconstrução da estrada até Chimpeles.

Bastou esse primeiro serviço para que a camioneta da carreira de passageiros deixasse de ser obrigada a fazer uma maior quilometragem devida à impossibilidade que ali tinha de manobrar na entrada e saída sem tocar com a trazeira no solo.

Também podemos informar que por diligências levadas a cabo em Lisboa pelo Sr. Presidente da Câmara, a primeira fase anunciada para reconstrução de dois mil metros se cumprirá a restante até Chimpeles.

## Pela Redacção

António da Piedade M. Medeiros

Visitou-nos nesta casa o Sr. António da Piedade Marques Medeiros, funcionário da Barragem da Bouça e nosso assinante.

## AVISO

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria

Alargamento do Esquema de Benefícios:

Pensão de Sobrevivência

### MOTORISTAS

Por despacho de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência de 6 de Maio de 1970 foi alargado o âmbito das pensões de sobrevivência a todos os motoristas ainda não abrangidos por esta modalidade, pelo que passarão a contribuir para esta Caixa na percentagem de 23,5% sobre os ordenados e salários auferidos, competindo à entidade patronal 17% e 6,5% aos trabalhadores.

O referido despacho produz efeitos a partir de 1 de Julho de 1970, pelo que o 1.º pagamento a efectuar nesta base deverá efectuar-se de 10 a 20 de Julho do ano em curso.

A DIRECÇÃO

# O Preço Fixo dignifica o Comércio

Velhos hábitos comandam, ainda no nosso tempo, as relações comerciais entre os portugueses, tornando-se cada vez mais necessário libertá-las de alguns deles, pelo que encerram de perniciosa, perante as normas leis da oferta e da procura.

Entre os velhos e perniciosos costumes que se observam a cada passo no acto das transacções, especialmente na província, é a «marralhice» entre comprador e vendedor, por falta de afixação ou simplesmente fixação de preços.

Recentemente numa reunião magna de comerciantes, realizada num Grémio do Comércio do norte do País, o presidente da Corporação do Comércio, Senhor Manuel de Andrade e Sousa, teve oportunidade de proferir algumas esclarecedoras e judiciosas declarações, dignas de serem meditadas por todos quantos se delicam ao comércio.

A certa altura do seu discurso, disse o alto dirigente Corporativo:

«O problema da concorrência desleal vem há muito a ser considerado e estudado nos seus diversos ângulos pelos que a desejam definir, mas surge sempre a dificuldade de a determinar ou de a classificar, para se conhecer onde ela começa ou acaba, na maioria dos casos por não existir, ainda, regulamentação válida para cada sector actuante no comércio de exploração, importação, armazenista, retalhista, de vendedores ambulantes, feirantes ou de agentes comerciais. É de esperar que entre nós se fortifique o método da concorrência regulamentada ou condicionada, que é, aliás, apanágio da nossa organização».

Depois de se manifestar pela concorrência liberalizada, quando regulamentada ou condicionada, para melhoria da remuneração dos que vivem do Comércio — empresários e trabalhadores, o Sr. Presidente da Corporação do

Comércio, disse ainda: «E porque falei da concorrência, devo referir-me ao preço «fixo» e à forma da sua constituição, já que o mesmo se encontra mais ou menos implícito no seu sistema regulador. O preço «fixo» não é preço «único» nem «tabelado», mas sim aquele que partindo do custo efectivo à entrada do estabelecimento do «retalhista» (preço facturado pelo fornecedor), acrescido dos encargos consentidos e margens de lucro autorizados, e marcado nos produtos ou mercadorias apresentadas para venda ao público, nos referidos estabelecimentos, não sendo permitido qualquer desconto sobre os preços «fixos» marcados para venda».

Também explicou que, portanto, os preços «fixos» a praticar pelos retalhistas para quaisquer artigos de natureza e qualidade iguais, de uso corrente ou não tenham margens fixadas pela Administração poderão, como é óbvio, ser diferentes de estabelecimento para estabelecimento ou de local para local, pois a sua formação dependerá do preço de compra conseguido e facturado a cada um deles; dos encargos que poderão ser variáveis; e, ainda dos retalhistas cujos montantes das vendas realizadas sejam de molde, pela sua expressão de grandeza, a não terem necessidade de arrecadar a totalidade do lucro consentido, marcando assim, os seus preços «fixos» com margens inferiores às autorizadas.»

É fácil deduzir destas afirmações aquilo que a prática há muito tempo nos ensinou: Nem todos os artigos exigem ou suportam a mesma percentagem de lucro, e nem todos os estabelecimentos necessitam ou merecem, pela distinção das suas categorias, uma uniformidade nos seus rendimentos. O que é necessário e indispensável é que o artigo não mude de preço na mesma casa, só porque o cliente discute ou não o seu custo.

Para se criar um clima de salutar confiança entre comprador e vendedor e até os próprios comerciantes, é mister que acabe de vez a falta de fixação.

E não há dúvida em que ela só existirá quando o comerciante adoptar a marcação justa, e for intransigente nos descontos.

Todos sabemos que é difícil acabar com bônus de quantidade, é um direito justo, conferido ao grande comprador, ou mesmo com certos descontos, que a qualidade de sócio de determinadas agremiações concede em algumas casas, mas não é por aí que vem qualquer mal ao mundo. O mal; a desmoralização e a desconfiança, são fruto de uma anarquia de preços incorporada no aviltamento, que toca os extremos do insuficiente e do exagerado, muito embora tenhamos que reconhecer que haja a grande maioria a praticar o justo preço, mas poucos com a rigidez do «fixo».

Dos países considerados sócio-económico e culturalmente desenvolvidos, será o nosso o único em que o preço «fixo» ainda não está generalizado. Só quando o estiver, o comércio e implicitamente o comerciante, terão a dignificação geral a que a sua honestidade, labor e probidade, há muito tempo lhes deram jus.

F. P.

## CASAMENTO

Na Basílica da Cova da Iria, Fátima, teve lugar no dia 6 do mês corrente, a solene cerimónia do enlace matrimonial da Senhora D. Maria Madalena Cunha de Carvalho Campos, prezada filha da Senhora D. Maria Manuela Cunha de Carvalho Campos, e do Senhor António da Conceição Campos, técnico de contas e proprietário da Confeitaria Santa Luzia, nossos conterrâneos, com o Senhor Sebastião Alfredo Chifarote Siquenique, considerado oficial de Finanças, em serviço na Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, filho da Senhora D. Maria da Conceição Chifarote Siquenique e do Senhor Pedro António Siquenique, proprietários em Redondo, Alentejo.

O acto religioso foi apadrinhado pelos próprios pais de cada um dos nubentes.

Após a cerimónia, foi oferecido pelos noivos um fino e abundante copo-d'água, findo o qual os noivos retiraram para o sul em viagem de núpcias.

Do nóbél casal que vai fixar residência em Caxias, apetece-mos um futuro repleto de felicidades.

## Correio de Aguda

A sede desta freguesia que dista 3 quilómetros da estrada nacional 237 é hoje a única freguesia do concelho e talvez da região que não usufrui os benefícios de uma carreira de camionetas de transporte colectivo de passageiros.

É certo que quando a sua estrada não oferecia condições, devido ao horrível estado de conservação a que chegou, não seria justo exigir esse benefício. Mas agora porque esperamos?

Temos conhecimento que uma das empresas de viação que serve o concelho, pediu em tempo o ajustamento do horário da carreira de Chimpeles e Moninhos para com a mesma viatura fazer a carreira de Aguda.

Foi-lhe concedido esse ajustamento, estando já em vigor o novo horário.

Esta carreira que Aguda há muito tempo deseja e merece, não só facilitará, como é justo, a vida aos seus habitantes mas também terá a melhor repercussão nas relações económicas e públicas entre a freguesia e seu concelho.

A hora é de acção, senhores empresários de serviços públicos. Quem tem direitos a exploração de carreiras, também tem obrigações perante as povoações que tem o dever de servir.

A morosidade na actuação lesa os legítimos interesses dos povos.

Aguda também é Portugal, e como tal tem de ser servida. Não é um favor, é um direito que lhe assiste.

Porque há muitos anos o devia ter, não pode ser considerada impertinência voltar a pedi-lo com veemência.

## Luís Filipe Valente do Carmo

De visita a seus pais Sr. Vítor do Carmo Correia e esposa, encontra-se nesta vila o Sr. Luís Filipe Valente do Carmo, que vem acompanhado de sua esposa, Senhora D. Maria de Lurdes, filhinha, e do menino José Homem Vieira Lopes.

Desejamos-lhes recuperadas férias.

# Desporto e Fraternidade

Com a merecida vitória do Brasil, terminou no dia 21 deste mês o Campeonato Mundial de Futebol.

Porque o País irmão era um dos candidatos mais favoritos, a conquista do almejado título não constituiu surpresa.

Por determinação do próprio regulamento, o troféu de ouro denominado Taça Jules Rimet, fica definitivamente na posse do Brasil, prémio de 3 vitórias em 9 campeonatos mundiais, em 1958, 1962 e 1970.

Para mais além, e um pouco à margem da grande competição desportiva, própria dita, ela sugere-nos alguns momentos de reflexão, relativamente ao interesse especial despertado em Portugal.

Aquilo que observamos no nosso meio, igualmente se passou em todo o espaço português. Dir-se-ia que a vida parou para ver e escutar o

resultado final.

Sabemos que o interesse não foi um exclusivo dos portugueses, mas ao nível mundial, onde a divisão da simpatia dos adeptos era lógica. Mas em Portugal, de uma maneira geral, *torceu-se*, à sua boa maneira pelo Brasil.

Nem a tradicional simpatia dos desportistas portugueses pelo futebol transalpino, chegaram para mudar esse sentimento. Nem a natural tendência do espectador imparcial de punir pelo menos forte, perante uma contenda, veio ao de cima durante aqueles noventa minutos. Era o amor fraternal a agir em toda a sua plenitude. Era a voz do sangue, esse sentimento que há mais de quatro séculos une portugueses e brasileiros numa aliança que não se vê, mas se sente, e que supera os próprios tratados convencionais de amizade entre os povos da língua de Camões.

## S. João

Com a costumada antecipação para o Domingo anterior ao próprio dia, realizou-se no passado dia 21, a festa de S. João, orago da nossa freguesia.

As cerimónias religiosas decorreram com o costumado fervor e habitual ordem.

Também teve lugar a cerimónia da primeira, segunda e terceira Comunhão das crianças. Ao fim da tarde realizou-se no rink de patinagem a festa da Catequese, simpático e tradicional número há anos incluído nos festejos.

Desta vez a Fanfara dos Bombeiros abrilhantou algumas cerimónias.

Pena é que não se vá tentando gradualmente melhorar o nível da festa no seu aspecto civil no sentido de fazer reviver a sua grandiosidade, que chegou a adquirir no passado e que todos desejaríamos que viesse a ter no futuro.

## Falecimento

### D. Otilia Caldeira

Após prolongado sofrimento e consequente internamento numa Casa de Saúde de Coimbra, faleceu na vila de Pombal a Senhora D. Otilia Caldeira, viúva do Sr. José Nunes Caldeira.

A saudosa extinta, detentora de excelsas virtudes, era por esse motivo muito estimada.

Era mãe extremosa das Senhoras D. Ester Nunes Caldeira Paula Santos, esposa do Senhor Dr. António Lopes Seco de Paula Santos, nosso excelentíssimo amigo e ilustre professor do ensino secundário em Coimbra; D. Angelina Nunes Caldeira do Nascimento, casada com o Senhor José do Nascimento, radicados na União Sul Africana; e D. Maria de Lurdes Nunes Caldeira, distinta professora do ensino primário em Pombal.

O funeral que se realizou para o Cemitério local, constituiu expressiva manifestação de pesar.

«O Norte do Distrito» e quantos aqui trabalham apresentam sinceras condolências à família de luto.

## POR AVELAR

### Gente Nova

No passado dia 19 do mês corrente, num quarto particular do Hospital de Nossa Senhora da Guia, desta vila, deu à luz uma linda criança do sexo masculino a Senhora D. Ana Maria da Silva Gonçalves, distinta professora oficial, casada com o Sr. António D. Ramos Gonçalves, competente técnico de Lanifícios.

## Regulamento de Trânsito

A necessidade inadiável de descongestionar o trânsito das ruas principais e de evitar os assíduos engarrafamentos motivados por estacionamento em ruas que os não comportam, tem sido objecto de aturados estudos da Câmara Municipal de Figueiró.

Como medida de prevenção para acautelar os interesses gerais, está aquele corpo administrativo a procurar construir parques autorizados em locais acessíveis, próximo do Centro da vila e sem prejuízo dos utentes da via pública.

## DE AREGA

### Falecimento

No dia 22 de Junho e com 86 anos de idade faleceu o Sr. António Maria Godinho residente no lugar da Portela, desta freguesia.

O extinto era pai da Senhora D. Maria do Carmo da Conceição, casada com o nosso assinante Sr. Domingos Simões Brás, Guarda-Rios; avô materno da Senhora D. Maria Alice da Conceição Brás, casada com o Sr. Avelino Martins, funcionário dos C. T. T. no Barreiro e do Sr. Guilhermino da Conceição Simões Brás; e visavô dos meninos Helder António Brás Martins e, de Dinis da Conceição Brás Martins.

O seu funeral que teve lugar no dia seguinte para o cemitério desta freguesia, foi muito concorrido.

Apresentamos sentidos pésames à família enlutada.